

A AGRESSIVIDADE E A INVEJA NA TEORIA DE DONALD WINNICOTT

José Outeiral¹

1 Médico.
Psicanalista.
Membro Titular da
Associação
Psicanalítica
Internacional

Encontro você;

Você sobrevive ao que lhe faço à medida que a reconheço
como um não-eu;

Uso você;

Você, no entanto, se lembra de mim;

Estou sempre me esquecendo de você;

Perco você;

Estou triste.

Donald Woods Winnicott, 1968

Introdução

O tema da agressividade e da inveja no pensamento de Donald W. Winnicott (ou DWW como o chamava Clare Winnicott) é hoje o cenário, certamente, de interessantes discussões entre os leitores de suas originais contribuições.

Dificulta a questão o muito agradável fato de que seu pensamento é um sistema aberto, um convite, um incitamento ao leitor para que pense as questões a partir de sua própria experiência clínica e formule suas próprias considerações. Acresce também o fato de que DWW foi essencialmente um clínico e nunca revelou a intenção de ser um teórico ou de um grande "gosto" pela metapsicologia, como agressão e inveja podem sugerir. Sua idéia de área de ilusão e de verdadeiro *self*, por exemplo, são mostras cabais de como ele orientava sua experiência, enquanto clínico, de relação com o outro. A metáfora, habitualmente utilizada, de que seu pensamento é como um *Squiggle Game*, onde ele e seu leitor vão construindo juntos, numa experiência compartilhada ou de mutualidade, uma "teoria" parece-me muito verdadeira. Assim, é inevitável, termos muitas leituras "diferentes" de DWW, o que,

pessoalmente, julgo muito oportuno. Este preâmbulo é necessário porque o que vou apresentar hoje é minha leitura "particular" de DWW e, ainda mais, a que faço "hoje".

Os elementos biográficos que dispomos de DWW nos revelam de maneira muito explícita que ele nunca pretendeu "fundar escola" ou constituir-se em um "mestre", como, por exemplo, Jacques Lacan. Masud Khan, que privou da convivência de DWW por muitos anos, escreveu no prefácio para "Collected papers. Through paediatrics to psycho-analysis" (1975):

"Cada um de nós que o conheceu tem o seu próprio Winnicott e ele jamais desrespeitou a versão que o outro tinha dele, afirmando seu próprio estilo de ser.

E, contudo, permaneceu sempre e inexoravelmente Winnicott."

A agressividade

A naides tenga invidia
es muy triste el envidiar
cuando veas a otro ganar
a estorbalo no-te metas
Cada léchon en su teta
es el modo de mamar

José Hernandez, Martin Fierro

DWW, em seu trabalho, "Breastfeeding as communication" (1968), situa sua maneira de pensar a agressividade:

"Chego, afinal, ao que considero a observação mais importante neste campo, e que diz respeito à existência de agressividade no bebê. Com o passar do tempo, o bebê começa a chutar, gritar e arranhar. Na situação de alimentação havia, no início, uma atitude vigorosa da gengiva, um tipo de atividade que pode facilmente resultar em rachaduras no mamilo; alguns bebês realmente aderem ao seio com as gengivas e o machucam bastante. Não se pode afirmar que estejam tentando ferir, porque o bebê ainda não está suficientemente desenvolvido para que a agressividade já possa significar alguma coisa. Com o passar do tempo, porém, os bebês já têm um impulso para morder. Trata-se do início de algo muito importante, que diz respeito à crueldade, aos impulsos e à utilização de objetos desprotegidos. Muito rapidamente, os bebês pas-

sam a proteger o seio, e na verdade é muito raro que mordam com o objetivo de ferir, mesmo quando já possuem dentes.

Isto não acontece pelo fato de eles não terem o impulso, mas sim devido a algo que corresponde à domesticação do lobo em cão, ou de um leão em gato. Com os bebês humanos, porém, há um estágio muito difícil, que não pode ser evitado. A mãe pode perceber facilmente o que se passa com o bebê, nesse estágio em que ela está sendo destruída por ele, se tiver conhecimento da situação e proteger-se sem se valer de retaliação e vingança.

Em outras palavras, ela tem uma função a cumprir sempre que o bebê morder, arranhar, puxar os cabelos e chutar, e esta função é sobreviver. O bebê se encarregará do resto. Se ela sobreviver, o bebê encontrará um novo significado para a palavra amor, e uma nova coisa surgirá em sua vida: a fantasia. É como se o bebê agora pudesse dizer para sua mãe: "Eu a amo por ter sobrevivido à minha tentativa de destruí-la. Em meus sonhos e em minha fantasia eu a destruo sempre que penso em você, pois a amo."

Acredito que esta longa citação se justifica pela clareza com que explicita várias questões importantes: as raízes da agressividade, a capacidade para a preocupação (*concern*), a reparação e, *last but not least*, o papel da mãe (ou do meio ambiente facilitador, ou do "analista suficientemente bom" ...).

Não foi ocasional a escolha que fiz deste tema, "Agressividade e inveja na teoria e na clínica de Donald Winnicott", para iniciar esta série de seminários, neste segundo semestre. Acredito que exista uma impressão, que provavelmente é cada dia menor, de que a agressividade (e a inveja) tem um lugar pequeno na obra deste autor e de que seu trabalho clínico analisava de maneira insuficiente este aspecto. Certamente este fato deriva de uma posição semelhante ao personagem do romance "Dom Casmurro", de Machado de Assis, que "era lido, posto que de atropelo".

Se tomarmos o livro "Non-compliance in Winnicott's words. A companion to the writings and work of D.W. Winnicott", de Alexander Newman (Newman, 1995), veremos que a palavra *aggression* perpassa um grande número de textos e que a palavra *envy* está também muito presente. Ambas, embora eu não julgue isto importante mas apenas interessante, ocupam um espaço maior que a palavra *love*.

DWW é claro quando escreve sobre as raízes da agressão (Winnicott, 1964):

“Em resumo, a agressão tem dois significados. Por um lado, constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração. Por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo. Problemas imensamente complexos surgem a partir de um exame mais detalhado dessa simples afirmação” ...

Está explicitado assim, em primeiro lugar, que para DWW a agressão não é expressão do instinto de morte, em cuja existência ele não crê (Painceira, 1995), e que suas raízes estão ligadas à “motilidade primária” e ao erotismo muscular.

Certamente será útil um raciocínio clínico:

Podemos pensar em um bebê ainda na barriga da mãe. Os movimentos de bebê resultam de uma “vitalidade e motilidade primária” e ao erotismo muscular, o prazer do movimento “em si”. A agressividade presente nestes movimentos tem o sentido do *agredere*, que etimologicamente - como sabemos - significa “ir na direção de alguém” e daí a palavra “agregar”, por exemplo. Os movimentos (inatos) do bebê representam assim a busca do “objeto” e, por conseguinte, da exterioridade. Ao contrário da formulação clássica de que o encontro com o objeto é que desencadeia a agressão, para DWW a agressão é que cria a exterioridade. E, podemos dizer com DWW e dentro do paradoxo, que a capacidade de agressão libidinal conduz à criatividade e ao encontro do objeto ou do outro. Para DWW esta agressão e destrutividade não têm intencionalidade no sentido de ira ou ódio e se encontra ligada, desta maneira, ao amor instintivo.

Em seu trabalho “Aggression” (1939), DWW escreve:

“... a coisa importante a assinalar a respeito desta agressividade instintual é que, embora cedo se torne algo que possa ser mobilizado a serviço do ódio, originariamente é parte do apetite, ou de alguma forma de amor instintivo. É algo que aumenta durante a excitação, e o exercício da mesma é altamente prazeroso.

Talvez a palavra cobiça veicule melhor e mais facilmente do que qualquer outra a idéia de fusão original entre o amor e a agressão, embora aqui o amor esteja confinado ao amor -boca”.

Em “Aggression in relation to emotional development” (1950), ele complementa sua idéia:

“Na saúde, os impulsos fetais trazem a descoberta do ambiente, este último sendo a oposição que se encontra durante o movimento e que é sentida por meio do movimento. A resultante aqui é um reconhecimento precoce do ‘eu’. (Deverá ser compreendido que,

na prática, estas coisas se desenvolvem gradualmente, vêm e voltam repetidamente, e são conseguidas e perdidas.)”

Madeleine Davis e David Wallbridge (1982) comentam que uma grande dificuldade é que possamos perceber como a agressão contribui para a permanência do objeto e que o próprio DWW “esbarrou” com problemas nesta parte de sua teoria. Para os autores citados ocorre o seguinte:

1. A motilidade primitiva fusionada com os impulsos eróticos traz

2. a destrutividade cujo alvo é o objeto (embora, no começo, não como ódio, o qual para Winnicott era uma emoção relativamente sofisticada). Esta destrutividade, como qualquer outra experiência, possui sua elaboração imaginativa na fantasia.

3. Verifica-se que o objeto sobrevive à destruição e, assim, adquire qualidade de permanência.

A este respeito escreve DWW (1968):

“Esta transformação (do relacionamento para o uso) significa que o sujeito destrói o objeto. A partir disto, poderia ser argumentado por qualquer filósofo de poltrona que não existe algo na prática como o uso de um objeto; que, se o objeto é externo, então ele é destruído pelo sujeito. Se o filósofo se levantasse de sua poltrona e se sentasse no chão com seu paciente, contudo, verificaria que existe uma posição intermediária. Em outras palavras, ele descobriria que depois do ‘sujeito se relaciona com o objeto’ vem ‘o sujeito destrói o objeto’ (ao se tornar externo); e depois pode vir ‘objeto sobrevive à destruição pelo sujeito’. Mas a sobrevivência pode ou não existir. Desta forma surge um outro aspecto na teoria da relação com o objeto. O sujeito diz ao objeto: ‘Eu te destrui’, e o objeto está aí para receber a comunicação. A partir de então o sujeito diz ‘Alô, objeto!’ ‘Eu te destrui.’ ‘Eu te amo.’ ‘Tens valor para mim porque sobrevivestes à minha destruição de ti.’ ‘Enquanto estou te amando estou todo o tempo te destruindo na fantasia (inconsciente)...’ Destas formas o objeto desenvolve a sua própria vida e autonomia, e, se sobreviver, contribui para o sujeito de acordo com suas próprias propriedades.”

Em segundo lugar temos a agressividade conseqüente à frustração, resultante de uma falha ambiental, situação bastante conhecida.

DWW em seu trabalho “A agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional” (Winnicott, 1950) descreveu três etapas no



desenvolvimento da agressividade:

1. No estágio de pré-ocupação "pode-se dizer que a criança existe como pessoa e tem objetivos, apesar de não se preocupar com os resultados. Ela ainda não consegue reconhecer que o objeto destruído por sua excitação é o mesmo que ela valoriza nos intervalos tranqüilos".

2. No estágio de preocupação "a integração do ego do indivíduo é suficiente para que ele avalie a personalidade da figura materna e isto tem um resultado extremamente importante: o indivíduo se preocupa com os resultados de sua experiência pulsional básica e ideacional". Neste momento existe a capacidade para sentir culpa, o desejo de reconstruir e reparar (Mello Filho, 1989).

3. O terceiro estágio é o da personalidade total onde há a triangulação edípica e o amor e o ódio se encontram fundidos.

A Inveja

É certo que DWW produziu uma ruptura epistemológica ao não aceitar o instinto de morte e a ênfase que lhe atribuiu Melanie Klein. Conseqüentemente, a noção de inveja primária não faz parte de seu "roteiro metapsicológico".

No intuito apenas de refrescar a memória do leitor, que não freqüenta necessariamente os salões da Duquesa de Guermantes, quero trazer (e poderiam ser citadas várias outras) duas passagens de trabalhos de DWW:

"Não há problemas que sintamos haver algo errado com a formulação do Instinto de Morte por Freud, porque ele próprio parece haver tido dúvidas, dúvidas próprias a um cientista que sabe que nenhuma verdade é absoluta e final, e que são o pensamento, o sentimento e a liberdade de especular que contam" (Raízes da agressão, 1968).

"Para advertir o leitor, devo dizer que nunca fui apaixonado pelo Instinto de Morte e ficaria feliz de poder aliviar Freud do ônus de carregá-lo para sempre em suas costas de Atlas..." (O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo, 1969).

Em "Psycho-analytic explorations" (Winnicott, 1989), editado por Clare Winnicott, Ray Sheperd e Madeleine Davis, sob o título de "Melanie Klein: sobre seu conceito de inveja", são reunidos quatro trabalhos de DWW que abordam o tema "inveja": "Resenha de envy and gratitude" (1959), "Primórdios de uma formulação de uma apreciação e crítica do enunciado kleiniano da inveja" (1962), "Raízes da agressão" (1968) e "Contribuições a um simpósio sobre

inveja e ciúme" (1968).

DWW reconhece a inveja como algo que é encontrado tanto na prática analítica como - é evidente - na vida. Ele discorda, entretanto, de uma afirmação de Melanie Klein, que faz questão de citar textualmente: "Considero que a inveja é uma expressão oral-sádica e anal-sádica de impulsos destrutivos a operarem desde o início da vida, e que ela possui uma base constitucional" (Winnicott, 1959).

Em uma carta a Joan Riviere (Rodman, 1987), que fora sua segunda analista (03.02.56), há uma passagem, como em vários outros escritos seus, onde DWW deixa claro que reconhece a "inveja" como uma das expressões da natureza humana, negando aceitar - isto sim - sua base constitucional, a inveja primária.

"Com relação à inveja, creio valioso que Melanie Klein haja chamado nossa atenção para o fato de o conceito de inveja do pênis, que foi levado à análise durante anos e anos, possa ter suas raízes na inveja do seio. Em outras palavras, quando a inveja surge na transferência não é necessário que presumamos que o analista está no papel do pai..."

Vemos assim que DWW aceita o conceito de inveja e concorda parcialmente com Melanie Klein.

Em um seminário realizado por Orestes Forlenza e por mim, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (julho de 1992), assim se referiu Forlenza (Forlenza, 1993) sobre essa questão:

"E também podemos ver como a destrutividade pode ficar fora da área do instinto de morte e da inveja primária. O processo de desenvolvimento para Winnicott não é possível sem o empurrão evolutivo da agressão, que desempenha um papel fundamental na criação da realidade, colocando o objeto fora do *self*. Winnicott enfatizou como o objeto real é necessário para a maturação. O ambiente e os processos de maturação se entrelaçam para originar o indivíduo. Quando falei de inveja primária... vejam bem, eu não quero dizer que a inveja não exista, o problema é saber como ela se origina. Para a maior parte dos kleinianos, a inveja primária dá origem a uma defesa fusional, para que não haja experiência de o ego sentir as diferenças. Para Winnicott, é a partir da separação que surge a inveja, porque a inveja só pode existir quando existem dois elementos. Portanto, quando ainda não é possível se distinguir o *eu* do não-*eu* não há motivo para que se fale de inveja."

Material clínico

A paciente, cuja sessão transcrevo a seguir, um exemplo de como trabalho a questão da “agressividade”, é uma adolescente, com uma Síndrome Borderline (Outeiral, 1964). Ela perdeu o pai, com uma cardiopatia, aos seis meses de idade e a mãe, com esta situação, “descompensou” uma enfermidade depressiva latente. Uma descrição pormenorizada deste caso pode ser encontrada no livro “Psicanálise brasileira: brasileiros pensando a psicanálise”, organizado por Theobaldo Thomáz e por mim (Outeiral & Thomáz, 1965), no capítulo “Interpretação e transicionalidade ou Fragmentos da análise de um adolescente”. Ficam as limitações de se apresentar uma vinheta de um material clínico, mas meu objetivo é, apenas, estimular a discussão.

Sessão ... (a agressividade)

Lúcia entra na sala visivelmente aborrecida. Senta na cadeira e, depois de alguma hesitação, vai ao divã e deita-se. É evidente que está irritada e que procura deixar isto bem claro para mim. Permanece em silêncio e a acompanho. Suspira fundo. Digo que parece irritada. Ela concorda e fala que se sente mesmo assim. Quase não veio à sessão hoje. Fica novamente em silêncio.

Analista - “... ao não querer vir à sessão por estar com raiva, talvez tu estivesse tentando me preservar destes sentimentos que tu sentes como maus ou perigosos...”

Paciente - “... eu não gosto de estar com ninguém quando estou assim...”

Analista - “... queres poupar os outros, tens medo de que possas causar algo nas pessoas que são importantes para ti...”

Paciente - “Lógico, quem é raivosa acaba sozinha.” Deita-se no divã.

Analista - “... tens medo de me perder por isto... Talvez tenhas pensado, às vezes, que perdestes o pai por isto, por sentimentos, e que tua mãe tenha ficado deprimida também por isto...”

Paciente - “... muitas vezes...”

Analista - “Como se tudo o que acontece no mundo dependa de ti, de teus sentimentos, como se tu fosses muito poderosa.”

Paciente - Lúcia sorri e se mexe no divã, como que procurando uma posição mais confortável. Passa muitos minutos em silêncio. Chama a atenção sua imobilidade.

Analista - Há um silêncio que percebo como muito prolonga-

do e contratransferencialmente sinto como se Lúcia tivesse rompido seus vínculos comigo e voltado, defensivamente, para dentro de si. Relaciono estes acontecimentos com o desenvolver desta sessão e, também, com a última sessão quando abordamos a morte do pai, a depressão da mãe, seus impulsos agressivos e seu sentimento de culpa, tanto no aspecto genético como no transferencial (“aqui-agora-comigo”). Fico em dúvida se devo interpretar ou não, receando fazer uma “intrusão” que, ao invés de trazê-la novamente para um movimento transferencial, poderia fazer com que ela se “fechasse” ainda mais. Assim, resolvo não falar e ficar “sustentando” (no sentido de *holding*) a situação. Penso que a “raiva” que experimentou possa se dever a me sentir como a alguém que a pôs em contato com vivências dolorosas. Eu sou “mau”, porque a fiz pensar no “conhecido-não-pensado”. Descubro que estou pensando nela, com a imaginação solta, tentando compreendê-la e que assim devemos continuar: que ela necessita disto, alguém que esteja com ela sem interromper seu “estado emocional”. Agora o silêncio não parece “desconfortável”.

Após um prolongado silêncio.

Paciente - “... não falas nada?”

Analista - “... queres dizer que já chegou o momento de falar, de dizer palavras?”

Paciente - (sorrindo) “... sim, podemos falar... quero te escutar...”

Analista - “Redescobrir que estou aqui, que me encontras inteiro, vivo e ‘falante’.”

Paciente - “Sim. Que não estás brabo comigo!”

Analista - “E por que estaria?”

Paciente - (pensando) “Porque minha mãe não gostava de me ver quieta, calada... ainda hoje ela quer que eu seja alegre, rindo sempre... ela espera isto de mim.”

Analista - “E uma parte tua acredita que tem mesmo de ser assim, porque senão a mãe fica triste e poderá desaparecer, como aconteceu com o pai...”

Paciente - (colocando-se de bruços no divã e me olhando) “É assim... tu tens um ‘saco’ para me agüentar...” (volta a deitar-se de costas).

Analista - “Precisas me ver, me olhar, para saber como eu estou realmente, se fico triste como tua mãe, ou não?”

Paciente - “Ué! ... não posso me virar?”

Analista - "Sempre que quiseses... sempre que sentires necessário saber como estou..."

Esta sessão serve para exemplificar o manejo da agressividade no *setting*. É importante compreender que é inevitável que indivíduos com estruturas clínicas semelhantes a Lúcia façam o analista experimentar o ódio na contratransferência. Quando determinado paciente está com muito sofrimento dentro de si, se internamente sente o vazio, o caos e a destruição, ele não poderá fazer outra coisa a não ser fazer sofrer e tentar destruir o analista. A sobrevivência do analista é essencial: "sobreviver" significa não retaliar (às vezes com interpretações em que o paciente tem sua fantasia de maldade confirmada pelo analista), estar presente na próxima sessão, vivo, no horário, permanecendo em contato com ele, e - de certa forma - recomeçando do zero. Esta é a oportunidade de o paciente experimentar sua destrutividade e, ao mesmo tempo, sua capacidade de reparação.

Referências bibliográficas

- ABADI, S. *Transiciones. El modelo terapéutico de D.W. Winnicott*. Buenos Aires, Editorial Lumen. 1996
- DAVIS, M. & Wallbridge, D. *Limite e espaço. Uma introdução à obra de D.W. Winnicott*, Rio de Janeiro, Imago, 1982
- FORLENZA, O. "Winnicott e o ambiente facilitador". In: Mautner, V. et alii. *Em busca do feminino. Ensaios psicanalíticos*. São Paulo. Casa do Psicólogo. 1993
- MELLO, J. *O ser e o viver*. Porto Alegre, Artes Médicas. 1989
- NEWMAN, A. *Non-compliance in Winnicott's words. A companion to the writings and work of D.W. Winnicott*. Free Association Books. London. 1995
- OUTEIRAL, J. (org.). *O adolescente Borderline*. Porto Alegre, Artes Médicas. 1963
- OUTEIRAL, J. (org.). "Interpretação e transicionalidade". In: Outeiral, J. & Thomáz, T. *Psicanálise brasileira: brasileiros pensando a psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas. 1995
- PAINCEIRA, A. "Las pulsiones en la obra de Winnicott". In: *Anais do III Encontro Latino-americano sobre o Pensamento de Donald W. Winnicott*. Vol. I. Gramado. 1995

RODMAN, F. *The spontaneous gesture. Select letters of D.W. Winnicott*. Harward University Press. Massachusetts and London. 1987

WINNICOTT, D. (1939). "Aggression". In: *The child and the family: first relationships*. Tavistock. London. 1957

WINNICOTT, D. (1950). Aggression in relation to emotional development. In: *Collected papers: Through paediatrics to psycho-analysis*. The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis. London. 1975

WINNICOTT, D. (1968). "Breast feeding as a communication". In: *Maternal and child care* 5 (53). Bouverie Publishing Co. London. 1969

WINNICOTT, D. (1968). The use of an object and relating through identifications. In: *Playing and reality*. Penguin Books. London. 1980